



Descobrimos a Cultura Marcial Chinesa, experiências a partir do projeto; Cultura Marcial Chinesa: história, costumes e a prática do Kung Fu no Brasil

Cleyson Pinheiro Bezerra¹, Emanuel Messias Silva do Nascimento Lima², Alex Souza Felix³, Raí de Melo Porto⁴,
Orientador/Coordenador: José Otávio Aguiar
Jose.otavio@professor.ufcg.edu.br

Resumo: As artes marciais chinesas constituem uma síntese da civilização chinesa. Forjadas a partir do declínio da dinastia Ming (séc. XVI) a partir de elementos mais antigos, elas constituem um tesouro que, ao longo do século XX, foi compartilhado com o mundo. A sociedade brasileira recebeu e cultivou as tradições das artes marciais, que são objeto de grande interesse entre nós há mais de cinquenta anos. Ao decorrer do tempo, o Kung-Fu foi absorvendo e enriqueceu seu conteúdo com diversos componentes da cultura chinesa, conglomerado elementos históricos, marciais, terapêuticos, folclóricos e filosóficos. O projeto “*Cultura Marcial Chinesa: história, costumes e a prática do Kung Fu no Brasil*” buscou oportunizar ao discente de graduação em História da UFCG e também do IFPB a ampliação do aprendizado sobre a cultura, história e arte marcial chinesa, associados à prática do Kung Fu como método artístico, filosófico e marcial do conhecimento milenar chinês.

Palavras-chaves: *dinastia Ming, Kung -Fu, cultura chinesa, método artístico, elementos históricos.*

1. Introdução

A sociedade brasileira recebeu e cultivou as artes marciais, que são objeto de grande interesse entre nós há mais de cinquenta anos. Ao decorrer do tempo, o Kung-Fu foi absorvendo e enriqueceu seu conteúdo com diversos componentes da cultura chinesa, conglomerado elementos históricos, marciais, terapêuticos, folclóricos e filosóficos (LIMA, 2000; APOLLONI, 2004; ACEVEDO; GUTIÉRREZ; CHEUNG, 2011; MOCARZEL, 2011; CARNEIRO, 2013).

Ao que tange a compleição filosófica do Kung-Fu, pode-se afirmar que boa parte de sua natureza adveio de influência direta de pensamentos taoístas e confucionistas, filosofias extremamente presentes na história da China antiga e que ajudaram a alicerçar princípios da medicina tradicional chinesa ou MTC (MOCARZEL; COLUMÁ, 2015) e do budismo (APOLLONI, 2004; ILUNDÁIN-AGURRUZA, 2014).

Tais influências também se fazem sentir no valor educativo do Kung-Fu, como pacifismo, harmonia, virtude e etocracia – princípio este que prega aos mestres, serem exemplos aos seus subordinados (MURAD, 2009).

Assim, esse relato de experiência vem descrever as experiências em torno do Projeto de extensão: Cultura Marcial Chinesa: história, costumes e a prática do Kung Fu no Brasil. Busca-se apresentar como o projeto foi pensado e executado, refletindo sobre seus impactos entre o grupo organizador e comunidade extra universidade que beneficiada com as atividades.

Sendo assim, importante lembrar que a Unidade Acadêmica de História, em parceria com o programa de Pós Graduação em História da UFCG, vem desenvolvendo, desde o ano de 2006, uma série de atividades que promovem a possibilidade de se pensar as práticas físicas e mentais associadas à prática da Arte Marcial Chinesa como objeto de reflexão histórica, linguística, filosófica e antropológica. O professor José Otávio Aguiar, ao longo desses anos, em associação nacional e internacional, vem publicando livros e artigos associados ao tema, reunindo grupos de estudo da temática, orientando monografias, dissertações e teses relacionadas ao tema, bem como promovendo a prática de arte marcial chinesa no Campus I da UFCG.

Com isso, o projeto já visava atrair professores de Kung Fu, especialistas temáticos e docentes da Instituição no intuito de levar a prática e o debate para o âmbito da extensão universitária. Com essa visão, o projeto de início reuniu uma equipe qualificada e disposta ao trabalho, bem como parceiros e colegas dispostos à ampliação de nossos ainda restritos esforços visando ao serviço da comunidade. Como acréscimo, agora poderemos associar as discussões teóricas a oficinas mais amplas de prática, graças ao ingresso de professores qualificados para tanto, visando à carência de atividade física entre discentes e docentes e, em simultaneidade, o crescente interesse pelas formas de cultivo da saúde de origem chinesa.

Sendo assim, a prática da Arte Marcial chinesa (Kung Fu/Wushu) representa não apenas um conjunto de técnicas de luta e defesa pessoal (que outrora fora importante para a defesa de povos e o próprio desenvolvimento sociocultural local), mas também é um dos pilares da cultura chinesa que carrega elementos filosóficos, estéticos/artísticos e históricos. Essa modalidade chegou ao Brasil na década de 1960, com os grão-mestres Chan Kowk Wai, Chiu Ping Lok e Wong Shing Keng. No início as aulas eram exclusivamente para imigrantes chineses, mas acabou se tornando uma prática

^{1,2,3,4,5,7,8,9,10} Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

⁹ Orientador/ Coordenador, <Professor Titular>, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

para o amplo público. Assim, a prática do Kung Fu atualmente se mostra difusa, pois atende tanto praticantes que buscam a modalidade como atividade física e/ou esportiva, como aqueles que pretendem conhecer sobre uma importante parte da cultura milenar chinesa. As técnicas e os métodos de treinamento, bem como as tradições preservadas por mestres e professores em escolas e academias, mostram-se como importantes variáveis para a leitura e apreensão da cultura deste país, repassando através de gerações e do respeito ao legado marcial, valores, costumes e histórias de parte importante da China.

Assim, o projeto possui como linha de Extensão Principal; Cultura, contou com os parceiros; Centro Ásia, Escola Hu Long e o Instituto Federal de Educação Tecnológico da Paraíba – Campus Campina Grande. Registra-se uma ampla divulgação na imprensa local, matérias reportagens vinculadas no JPB 2º edição da TV Paraíba, Borborema esporte da TV Borborema e TV Itararé, além dos portais de notícia da internet; Portal Hora Agora, Portal Cidade Campina Grande e o Portal da UFCG. Seu objetivo principal versa em; Desenvolver reflexões sobre a importância da história, arte e cultura chinesa por meio da prática e estudo do Kung Fu como método artístico, filosófico e marcial do conhecimento milenar chinês.

Atrelados aos anseios como projeto, suas atividades foram realizadas e ao longo do processo obteve diversos resultados satisfatórios.

2. *Execução do projeto e as descobertas acerca da cultura chinesa*

O Kung-Fu Wushu é uma arte marcial chinesa com mais de dois milênios de história, sendo correspondido como um dos métodos de defesa mais antigos da humanidade. Durante toda a sua história, a China foi marcada por inúmeras invasões que de certo modo obrigavam os guerreiros aprofundarem mais suas técnicas de luta. Os primeiros relatos sobre a arte marcial chinesa remontam à dinastia Xia, que data de 2100 A.C.

Os confrontos entre os diversos grupos obrigavam aos guerreiros a se aprimorarem cada vez mais com intensos treinamentos e a idealização de várias técnicas diferentes, para que assim pudessem surpreender seus adversários. Estes constantes confrontos, que se arrastaram durante toda a história da China, forçaram as artes marciais chinesas a evoluírem e se tornarem altamente eficientes. Para esta evolução também contribuíram outros fatores, tais como a incorporação da filosofia e da medicina às técnicas marciais, valorizando assim a conduta moral de seus praticantes e a preservação da saúde, tornando o Kung Fu não apenas uma técnica de luta e sim um caminho de vida.

No que tange sua compleição filosófica, acredita-se que o Kung-Fu Wushu obteve fortes influências do Taoísmo e também do Confucionismo; filosofias estas que enriqueceram grande parte da cultura chinesa. De fato, o Kung-Fu se tornou muito mais do que uma simples técnica em campo de batalha, sua tradição e filosofia ultrapassam quaisquer barreiras temporais, se tornando

atualmente uma das atividades esportivas mais praticadas no mundo.

A tradução literal para Wushu é “técnica marcial”, mas já houve várias interpretações para o termo ao longo da sua milenar história. Os primeiros registros remetem a táticas de caça e luta, ainda na antiguidade chinesa. Transformou-se em treinamentos militares – com técnicas de guerra propriamente ditas – até se tornar a modalidade de entretenimento e combate que conhecemos hoje. No ocidente, muitos a identificam apenas como Kung Fu, nome popularizado pelos filmes de artes marciais da década de 1960, em especial nas obras do Bruce Lee e Jackie Chan, por exemplo.

Em 1998, as autoridades chinesas acabaram definindo o Wushu como a “modalidade cujo conteúdo principal é constituído por movimentos de ataque e defesa e que se expressa através de rotinas e de combate, visando tanto o aperfeiçoamento físico como espiritual”. Isso se dá nos movimentos feitos com as mãos ou com cada uma de suas armas, a depender do estilo escolhido.

Tudo isso mostra que o Wushu vai além de uma modalidade esportiva. Ele, na verdade, é uma forma de unir mente, corpo e espírito em busca de um único objetivo. A luta acaba se tornando um ato de resistência e fé, aperfeiçoando tanto o lado físico quanto a moral e a disciplina mental. Sua prática busca desenvolver os reflexos, o equilíbrio, a consciência mental e física para a defesa pessoal e coordenação motora.

No Brasil, essa modalidade teve início na década de 1960, com os grão-mestres Chan Kowk Wai, Chiu Ping Lok e Wong Shing Keng. No início as aulas eram exclusivamente para imigrantes chineses, mas acabou se tornando uma prática para o amplo público. As técnicas e os métodos de treinamento, bem como as tradições preservadas por mestres e professores em escolas e academias, mostram-se como importantes variáveis para a leitura e apreensão da rica cultura deste país, repassado através de gerações e do respeito ao legado marcial, valores, costumes e histórias de parte importante da China.

Entender este processo nos aproximou de forma significativa dos mestres pioneiros, aqueles que começaram os primeiros ensinamentos desta prática marcial em solo brasileiro. Dar voz a estes foi um exercício bastante singular, seja pelas diferenças linguísticas, seja pelos valores culturais sob os quais eles e suas artes foram formadas. Em adição, nesta perspectiva de ouvi-los e resgatar as memórias que carregam da gênese da transmissão do "Kung Fu" em nosso país, acabamos por nos aproximar de autores e historiadores que discutem e fazem uso da História Oral, como Thompson e outros.

Contudo, o projeto foi sendo pensado para atingir determinados objetivos, com isso, é importante também ressaltar que este projeto advém primordialmente dos alunos do curso de graduação em História. Inicialmente esse projeto nasce a partir de uma ideia no grupo de estudos de história oriental em 2006, tendo como público alvo os alunos do curso de graduação, tendo como coordenadora a professora Marinalva Vilar de Lima, ministradas pelo coordenador do curso de mestrado José

Otávio Aguiar, sendo posteriormente levado e trabalhado também, pelo coordenador do mestrado como os alunos de pós-graduação, desde 2006. Assim, a iniciativa para esse projeto parte dos alunos da graduação do curso de História, juntamente com os demais colaboradores do programa de pós-graduação.

Assim, esse projeto possui três justificativas centrais:

1) fortalecer a formação dos graduandos em História em torno da cultura, formação histórica, arte, e prática marcial chinesa, proporcionando ampliação de conhecimentos e frutificando a disseminação de conteúdos com maior segurança e qualificação; 2) Contribuir para aproximação cultural entre Brasil e China, junto à comunidade acadêmica e comunidade geral interessada; 3) Disseminar a prática do Kung Fu enquanto arte marcial chinesa, mas também enquanto prática saudável para o corpo e mente, contribuindo assim para a saúde e bem estar da sociedade.

Desse modo, o discente de história teve o ensejo de exercitar sua prática de ensino por meio da ministração de conteúdos em oficinas; pesquisa, por meio de aplicação de questionários e elaboração de artigo científico com o apoio dos docentes e parceiros externos; e propriamente a extensão, no contato com a comunidade geral participante das oficinas, portanto, ultrapassando “os muros da universidade” e aplicando técnicas aprendidas no curso de História.

Buscou-se portanto com o projeto: Desenvolver reflexões sobre a importância da história, arte e cultura chinesa por meio da prática e estudo do Kung Fu como método artístico, filosófico e marcial do conhecimento milenar chinês. Além; Estudar os elementos culturais chineses que podem aprimorar o cotidiano e a saúde mental e física da comunidade discente, ao tempo em que disponibilizamos sua prática à comunidade; Contribuir para uma aproximação cultural mais respeitosa em relação à cultura chinesa visando ao combate da sinofobia que alimenta xenofobia e teorias de conspiração; Promover debates e práticas sobre arte marcial chinesa, precedidos de leituras, apresentações de filmes e documentários; Promover palestras sobre o tema da arte marcial chinesa e introduzir elementos de ginástica laboral no cotidiano da comunidade acadêmica, que tem pouco ou nenhum acesso a essas benesses nos atribulados dias atuais; Incentivar de forma prática, a atividade física marcial chinesa a todos os discentes e comunidades para além da academia.

A execução dessa proposta foi executada por meio de oficinas temáticas divididas em duas partes: teórica e empírica. Na parte teórica os discentes ministrarão conteúdos sobre a história, arte e cultura marcial chinesa, além de apresentarem uma mostra artística como fechamento do projeto; na parte empírica, os discentes conduzirão os participantes ao conhecimento introdutório da prática do Kung Fu, enquanto técnicas de defesa, uso de armas e domínio de sequências iniciais da arte milenar. Espera-se que, ao final, os discentes e participantes do Projeto possam ter ampliado seus conhecimentos sobre a arte, história e cultura marcial chinesa, contribuindo assim, para formação acadêmica dos graduandos em História, bem como para

disseminação junto à comunidade geral, de conteúdos científicos aprendidos em aula. Espera-se ainda, que esse Projeto possa contribuir para minimizar sinofobia que alimenta xenofobia e teorias de conspiração.

A seguir, o detalhamento das ações que foram realizadas, intercaladas com oficinas exclusivamente práticas:

OFICINA 1 (4h): Formação histórica da Ásia, especificamente da China. Posturas (bases) clássicas do Kung Fu Shaolin do Norte, fundamentos técnicos de mãos e braços;

OFICINA 2 (4h): Elementos da cultura e costumes que caracterizam a prática marcial chinesa. Fundamentos técnicos de pernas e pés, e fundamentos do método clássico de bastão. Nessa oficina terá a participação especial dos parceiros do IFPB para tratar da parte física e corporal;

OFICINA 3 (4h): História e disseminação do Kung Fu na Ásia e no mundo. Sistema sequenciado de técnicas encadeadas: 1º Kati - Lian Bu Quan (treinar o passo) - Primeira Parte. Nessa oficina terá a participação especial dos parceiros do IFPB para tratar da parte física e corporal;

OFICINA 4 (4h): Chegada e expansão da Cultura Marcial Chinesa no Brasil. Sistema sequenciado de técnicas encadeadas: 1º Kati- Lian Bu Quan (treinar o passo) - Segunda Parte;

OFICINA 5 (4h): As armas e sua importância nas guerras de formação do território Chinês. Sistema sequenciado de técnicas encadeadas com armas: Kati de Bastão do Norte de 32 movimentos (Gunshu) - Primeira Parte. Nessa oficina terá a participação especial dos parceiros do IFPB para tratar da parte física e corporal;

OFICINA 6 (4h): Mandarim: símbolos básicos e diálogos iniciais. Sistema sequenciado de técnicas encadeadas com armas: Kati de Bastão do Norte de 32 movimentos (Gunshu) - Segunda Parte. Nessa oficina terá a participação especial dos parceiros do IFPB para tratar da parte física e corporal

MOSTRA CULTURAL (6h): Fotográfica, musical e/ou artística da cultura marcial chinesa. Apresentação de Kung Fu - estilos do norte e estilos do sul.



Figura 1 – Apresentação de abertura.

Para trabalhar os conteúdos da atividade de extensão, nos baseamos em práticas corporais transmitidas pelos mestres originários do Kung-Fu no Brasil, mais exatamente do grão-mestre Chan Kowk Wai (1934-2022), patriarca do Sistema Sino-Brasileiro de Kung-Fu. No que respeita aos conteúdos teóricos, fizemos uso de obras essenciais para a compreensão da China a partir do pensamento e da arte marcial. Essas obras – a lista, aqui, não é exaustiva – abrangem os trabalhos de Anne Cheng, Meir Shahr, Peter Lorge, Benjamin Jundkins, William Acevedo, Lu Zhouxiang, Rodrigo Wolff Apolloni, José Otávio Aguiar e Fernando Dandoro.

Sendo assim, o professor Rodrigo Apolloni trouxe grandes debates ao ministrar suas aulas, sobre contexto do projeto, uma delas refere-se ao momento que tratou sobre a ideia do “Perigo Amarelo” onde argumenta que Bruce Lee participou de um processo de reversão da ideia de um “Perigo Amarelo”, mito racista e xenóforo implantado pelas potências coloniais (em especial, a Grã-Bretanha) e que ganhou o mundo de meados do século XIX a meados do século XX, com reflexos até hoje.

Mas, por que as potências impuseram essa ideia? Por um conjunto de razões, afirma o especialista, como:

- 1) – a crença na superioridade da “raça branca” sobre os demais grupos humanos;
- 2) – a crença na superioridade do cristianismo – em especial, de base protestante – sobre as demais religiões;
- 3) – interesses econômicos, em especial no sentido de forçar a China a comprar produtos oriundos da Revolução Industrial (com uma triangulação no pagamento que acabou desencadeando a Guerra do Ópio, em meados do século XIX);
- 4) – Interesses geopolíticos, no sentido de que estamos falando em potências ocidentais interessadas em ampliar seus domínios coloniais e competir entre si pela hegemonia global;
- 5) – A posição da própria China na dinastia Qing, que pregava o isolamento em relação a esses países ao mesmo tempo em que se fechava em seu próprio paradigma anterior à Revolução Cultural (em um processo de cegueira em relação aos avanços tecnológicos não chineses).

A cultura também sofre com esses problemas, a própria cultura de massa, os “Amarelos Salvadores” chegam com Shang-Chi – personagem da Marvel criado

por Steve Englehart e Jim Starlin em 1973 é apresentado como o “filho rebelde” do vilão Fu Manchú -, com Bruce Lee e com os personagens de muitos filmes de Kung-Fu produzidos em Hong Kong e vendidos para todo o mundo. E ficou ainda mais forte com Kwai Chang Caine, personagem interpretado por David Carradine (1936-2009) no seriado “Kung-Fu” (1972-1975).

Entre discussões levantadas durante os espaços teóricos das oficinas, destaca-se:

1. Você se interessou pela prática e pelo conhecimento a respeito do Kung-Fu? O que levou você a se interessar?
2. Quando você ouve a palavra Kung-Fu, que imagens ou que referências vêm à sua mente?
3. Na sua avaliação, qual a importância de Bruce Lee para o universo de divulgação do Kung-Fu? E qual a importância dele para a sua prática de Kung-Fu?
4. Quais são os seus ídolos na prática do Kung-Fu?
5. Você já havia ouvido falar na ideia de um “Perigo Amarelo”? Se sim, onde e como?
6. Na sua opinião, os chineses – e outros povos orientais – que vivem no Brasil sofrem discriminação? De que tipo?
7. Você acredita que as artes marciais orientais são um caminho para reduzir o preconceito e promover a interculturalidade?
8. A China se tornou uma potência global, que tem seus problemas e que também afeta interesses alheios. Você acredita que existe espaço para um aumento do preconceito contra os chineses no nosso país? Em caso de uma resposta afirmativa, como combater esse preconceito?

Os espaços de debate serviam tanto para compartilhar ideias e visões de mundo, como também de apresentar novas perspectivas sobre costumes e cultura chinesa, além de contribuir com a superação de violências praticadas contra os orientais.

Dessa maneira, cada oficina trabalhada foi uma nova descoberta sobre a história, cultura e artes chinesa, abria-se espaço de debate e reflexão, ou seja, os temas que mencionados provoca e mobiliza trocas de saberes múltiplos. Essa experiência rendeu um conjunto de quebra de estereótipos, uma vez que, ao descrever novos elementos sobre cultura chinesa, representa um novo olhar sobre essa cultura que tanto foi marginalizada.

Nesse sentido, às atividades que tiveram início no mês de Julho de 2022, encerrou-se em dezembro de 2022, executando todo o material proposto e cumprindo todo o planejamento.

3. Resultados e Discussões

A finalização do projeto de extensão contou com uma variedade de resultados obtidos, as atividades desenvolvidas foram compreendidas e resultaram em conjunto de experiências de grande relevância para todos os envolvidos no projeto, os resultados foram amplos, tanto os alunos bolsistas/voluntários, professores e a

comunidade assistida com o projeto, saíram dessa experiência com grandes aprendizados.



Figura 2 – Início das atividades práticas.

Sendo assim, ação extensionista cumpriu com os objetivos estabelecidos no Plano de Ação, tais como desenvolver reflexões sobre a importância da história, arte e cultura chinesa por meio da prática e estudo do Kung-Fu como método artístico, filosófico e marcial do conhecimento milenar chinês, ensejando objetivos mais específicos junto à Comunidade, estudando os elementos culturais chineses que podem aprimorar o cotidiano e a saúde mental e física, disponibilizando a prática da filosofia do Yin e Yang tais como técnicas para seu equilíbrio no dia a dia (chi kung marcial, chi kung), e, no que tange ao combate da sinofobia que alimenta xenofobia e teorias de conspiração, contribuindo com uma aproximação cultural mais respeitosa com a cultura chinesa. Ademais promovemos debates e práticas sobre arte marcial chinesa, precedidas de leituras, apresentação de filmes e documentários; através dessa promoção introduzir elementos de ginástica laboral no cotidiano; romper o círculo da academia de artes marciais incentivamos de forma prática aquela atividade marcial chinesa. E a metodologia traçada foi aplicada da seguinte forma: para cada encontro realizado quinzenalmente, dividimos pedagogicamente em aula teoria e prática.



Figura 4 – Restrito de uma oficina teórica.

A participação da comunidade interna e externa à Universidade se deu efetivamente e ativamente por meio de uma parceria realizada com o Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba no Campus Campina Grande. A comunidade foi beneficiada pela infraestrutura da unidade acadêmica do Campus Campina Grande, onde foram disponibilizados dois ambientes: uma sala com ar condicionado para as aulas teóricas e uma sala para as aulas práticas de Kung Fu. Essa nossa ação somou com uma das ações já existentes no Campus do IFPB, relacionadas às artes marciais japonesas como Karatê e Jiu Jitsu.

Podemos considerar que a articulação com a pesquisa foi de forma indireta, na medida em que as aulas teóricas (ensino), eram disponibilizadas referências bibliográficas (AGUIAR & APOLLONI, 2022; AGUIAR, 2022; AGUIAR, 2008; CHENG, 2008; SHAHAR, 2011; LORGE, 2012; APOLLONI, 2004; APOLLONI & AGUIAR, 2021) para que a comunidade interna e externa pudesse realizar pesquisas sobre a arte marcial chinesa.

Já considerando, relação a flexibilização curricular sua pertinência é a indissociabilidade entre a pesquisa, ensino e extensão, pois que os conteúdos curriculares são enriquecidos por cada um dos participantes das oficinas (modelo escolhido), fazendo os colaboradores junto aos discentes a construção desse projeto pedagógico possibilitando avaliações, redes de sociabilidade e construção de elos, inovadores, justo que estudar China e suas diversidades para além dos muros universitários com aqueles que são os interessados, a comunidade em geral, é construir experiência de graduação nesse sentido. São diversos atores sociais inscritos: professores, outros funcionários públicos, estudantes, conhecedores de outras marciais, praticantes e não-praticantes de atividade física. Para efetivação do Projeto o qual propomos, na busca por refletir através de um dos pilares desta cultura os objetivos alcançados junto a Comunidade pela Equipe.

Traçados os métodos e teóricos, participando das instruções dos nossos parceiros e proporcionando as atividades da Arte Marcial, após investir no material

necessário a melhor compreensão dos elementos pelos inscitos, usando de imagens em slides, explicando os logogramas adequados, fazendo crítica de filmes e documentários.



Figura 4 – Execução das atividades práticas.

Nossa avaliação final buscou observar algumas atitudes que listamos durante as oficinas, além de abrir reflexões na Comunidade participante. Algumas das 15 perguntas e respostas para melhor exemplificação:

- A PERGUNTA: “Sua idade foi impedimento em alguma medida para a prática do Kung Fu, naquilo que foi ofertado a cada Oficina da Extensão?” foi respondida unanimemente com “NÃO”.

- A PERGUNTA: “Consegue dizer exemplos de preconceitos que tinha ou ouvia e que não fazem mais sentido, a partir das impressões que o curso (sobre China e Artes Marciais) motivou em você?”

- “Não necessariamente um preconceito, mas a indiferença de que há um limite de idade para a prática de Artes Marciais. Havia uma variedade de idades durante as práticas.”

- “Que a arte marcial seria uma prática que pudesse ser aproveitada violenta pelos filmes de Bruce Lee”

- “Eu nunca tive preconceito sobre a história ou a cultura chinesa, porém ouvia na mídia sobre os produtos chineses não serem de boa qualidade, o que não é verdade, sobre as artes marciais chinesas aprendi bastante sobre a essência dela e sua importância na manutenção da soberania chinesa no seu próprio território.”

Ao fim das oficinas os alunos responderam questões, tanto relacionadas ao seu desempenho pessoal, como avaliando o grupo que esteve presente.

Algumas perguntas sobre o preconceito em relação às artes marciais chinesas foram levantadas, de modo que as oficinas foram uma oportunidade de superar alguns estereótipos e preconceitos. Outro ponto importante foi a

utilização dos conhecimentos adquiridos durante a oficina no dia a dia, o que demonstra como o projeto teve uma função importante. Muitos apontaram que a coordenação motora melhorou, a flexibilidade, noções espaciais e equilíbrio e capacidade cardiológica.

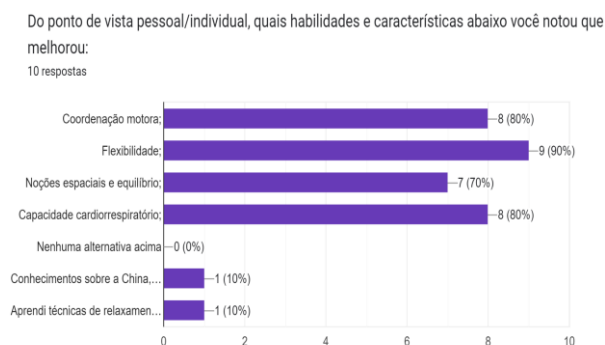


Figura 5 – Gráfico de dados sobre melhores no corpo.

Algumas citações dos participantes:

–“Foi uma experiência maravilhosa que eu adoraria repetir.”

–“As oficinas ofertadas foram dinâmicas e importantes para conhecer outra cultura, bem como a rede de solidariedade que se construiu.”

–“Adorei a ideia do curso. É uma bela forma de conhecermos outras culturas.”

–“Foi muito bom estar em contato com a história chinesa e as artes marciais, desconstruir preconceitos, aprender as diferenças, identificar movimentos nos filmes e ter a oportunidade de pôr em prática as técnicas aprendidas em sala de aula.”

Enfatiza-se nesse sentido, como o curso de extensão sobre a cultura marcial chinesa foi um diferencial nas experiências dos assistidos, uma vez que representou uma mudança crucial em sua relação com a cultura chinesa. Chegamos ao fim dessa atividade, satisfeitos dos resultados colhidos, mas ainda impressionados como o alcance que nossas discussões provocaram, além de executora uma atividades físicas, que trouxe benefícios para os participantes, também criou-se um espaço de conversa e discussão sobre preconceito e xenofobia que perpassa entre cultura diversas.

O curso portanto, além de contribuir diretamente na experiência do assistidos, também ofereceu um espaço de quebra de estereótipo e preconceitos, buscou-se mudar uma mentalidade arcaica e problemática, que colocar culturas diversas como estranhas, o curso teve o papel de ressignificar tais visões. Além disso, torna-se necessário e fundamental que atividades que versam sobre culturas, como a chinesa sejam incentivadas e cada vez mais valorizadas, seja que os preconceitos estão constantemente presentes na sociedade, sobretudo nos últimos anos, após o surgimento do COVID-19, vírus que inicialmente atingiu a China e posteriormente o país sofreu e sofre diversos atos xenofobia e de exclusão. Portanto, ao apresentar a cultura chinesa e suas artes,

filosofias, costumes, cria-se um espaço conhecimento e de verdade sobre os fatos.



Figura 6 – Gráfico de dados sobre melhores no corpo.

Portanto, chegamos ao fim dessas experiências, crenças que alcançamos os objetivos propostos e certos que cumprimos como papel importante para a comunidade universitária e fora dela. O reconhecimento por parte da comunidade que foi impactada diretamente com o projeto é reflexo dessa ação, ao mesmo tempo que sabemos que esse impacto irá repercutir em outros espaços, uma que, os alunos saíram com suas visões sobre a cultura chinesa modificada e saíram divulgando e problematizando sobre os desafios enfrentados sobre a cultura chinesa.

4. Conclusões

O projeto Cultura Marcial Chinesa, trouxe ao espaço da UFCG uma importante experiência, ainda de forma tímida, temas envolvendo cultura chinesa passou a circular esse espaço, envolvendo diferentes autores, impactando alunos, professores e comunidade.

Ao fim das atividades de extensão, alguns dos participantes seguiram o desejo de continuar a prática das artes marciais como forma de qualidade de vida. Também houve o benefício de levar para as comunidades abordadas pelo projeto as questões de xenofobia, as quais obtiveram elevado aumento no contexto da pandemia, e concepção histórica que foge do arquétipo eurocêntrico que ainda persiste nas escolas. Por fim, considerando o engajamento da comunidade envolvida no projeto, tanto pelos discentes e docentes do instituto federal, somado aos benefícios na formação profissional pela extensão favorecem a possibilidades de continuidade do projeto com outras comunidades em próximos editais de extensão.

Contudo, foi uma atividade significativa e excepcional vivenciada na Universidade, experiências como essa contribui para uma constante valorização sobre a extensão na universidade, já que ela promove um contato direto entre academia e comunidade, demonstrando a função social que a UFCG desempenham em seus espaço que está situada, como base nessa experiência, que impacta a experiência dos

sujeitos que foram envolvidos por ela, enaltece a necessidade de continuar os investimentos e espaço destinados para extensão, seja para promover aprendizado e trocas entre a comunidade.

Assim, a China e sua cultura é campo vasto e rico, sua história é impressionante, surgiu como uma necessidade compreender essa cultura, já que esse país vem ocupando espaço em todo planeta, será irracional continuar excluindo essa cultura do mundo ocidental, está na ordem do dia estudar e divulgar a China.

5. Referências

- [1] APOLLONI, Rodrigo Wolff, AGUIAR, José Otávio. Uma hipótese de leitura da narrativa marcial sobre a “destruição do mosteiro de Shaolin” em 1736. In REVER (PUC-SP), v. 21, n. 3, 2021, disp. em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/56280/38267>>. Acesso em 19.04.22.
- [2] APOLLONI, Rodrigo Wolff. O Dharma das Armas: origem e significados da iconografia marcial encontrada no Budismo. REVER (PUC-SP), ano 13, N. 02, jul/dez 2013, disp. in <<https://bit.ly/2RMkTn0>>. Acesso em 19.04.21.
- [3] JUNDKINS, B., Kung-Fu Tea, portal acadêmico disp. em <<https://chinesemartialstudies.com/>>. Acesso em 19.04.21.
- [4] CHENG, Anne. História do Pensamento Chinês, 1ª ed., São Paulo: Vozes, 2008.
- [5] LORGE, Peter. Chinese Martial Arts – From Antiquity to the Twenty-First Century, 1ª ed., Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- [6] LU, Zhouxiang. A History of Shaolin – Buddhism, Kung Fu and Identity, 1ª ed., Nova Iorque: Routledge – “Routledge Research in Sport, Culture and Society”, 2020.
- [7] _____. Politics and Identity in Chinese Martial Arts, 1ª ed., Nova Iorque: Routledge – “Routledge Research in Sport, Culture and Society”, 2018.
- [8] SHAHAR, Meir, O Mosteiro de Shaolin – história, religião e as artes marciais chinesas, 1ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2011.
- [9] SPENCE, J. Em busca da China Moderna – Quatro séculos de História, 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- [10] ABE, Shinobu. Zen and Sport. Journal of the philosophy of sport, v. 13, n. 1, p. 45- 48. 1986. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00948705.1986.9714440>. Acesso em: 14 jun. 2016.
- [11] ACEVEDO, William; GUTIÉRREZ, Carlos; [12] CHEUNG, Mei. Breve história do Kung Fu. Tradução de Flávia Delgado. São Paulo: Madras. 2011.
- [12] AGUIAR, José Otávio. Literatura Wushia, Budismo, marcialidade e ascese: da arte da guerra à historiografia sobre o mosteiro de Shaolin. Antíteses, v.2, n.4, p. 599-619, Jul-Dez 2009. Disponível em:

<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=a9h&AN=53743823>. Acesso em: 23 jan. 2018. ALLEN, Barry. Games of Sport, Works of Art, and the Striking Beauty of Asian Martial Arts. *Journal of the philosophy of sport*, v. 40 n. 2, p. 241-254. 2013.

[13] APOLLONI, Rodrigo Wolff. “Shaolin à brasileira”: estudo sobre a presença e a transformação de elementos religiosos orientais no Kung-Fu praticado no Brasil. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004. BÄCK, Allan; KIM, Daeshik. Towards A Western Philosophy of the Eastern Martial Arts. *Journal of the philosophy of sport*, v.6, n.1, 19-28. 1979. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00948705.1979.10654147>. Acesso em: 14 jun. 2016.

[14] BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3.ed. Lisboa: Edições 70, 2004. p.223. BENTO, Jorge Olímpio. O outro lado do desporto – vivências e reflexões pedagógicas. Porto: Campo das letras, 1995. BENTO, Jorge Olímpio;

[15] BENTO, Helena Cristina (2014): Desporto e valores: uma aliança natural carecida de renovação. 42nd Conference of the IAPS-International Association for the Philosophy of Sport & Conference of the ALFIDA Asociación Latina de Filosofía del Deporte, Natal, Brasil, 3-6 setembro de 2014.

[16] BONURA, Kimberlee Bethany; SPADARO, Nina Ida Marie; THORNTON, Rives Whittle. Mindful Fitness: Guidelines for Prenatal Practice. *International Journal of Childbirth Education*, v. 31, n. 1, p. 14-17, Jan. 2016. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=rzh&AN=112070430>. Acesso em: 22 jan. 2018. BU, Bin. et al. Effects of martial arts on health status: A systematic review. *Journal of Evidence-Based Medicine*, v.3, n.4, p.205-219, Nov 2010. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=edb&AN=66588794>. Acesso em: 23 jan. 2018. BUENO, André da Silva. O conceito de justa medida em Confúcio e Aristóteles. Tese de doutorado em Filosofia, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro. 2005.

[17] CAMILLERI, Frank. “To Push the Actor-Training to its Extreme”: Training Process in Practice of Collective Improvisation. *Contemporary Theatre Review* Ingemar Lindh, v. 18, n. 4, p. 425-441, 2008. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=a9h&AN=34976072>. Acesso em: 23 jan. 2018.

Os parceiros: Centro Ásia, Escola Hu Long, Instituto Federal de Educação Tecnologia da Paraíba, campus Campina Grande-PB pelo suporte e colaboração no desenvolvimento das atividades.

À UFCG pela concessão de bolsa(s) por meio da Chamada PROPEX 003/2022 PROBEX/UFCG.

Agradecimentos